
**MONUMENTO
COMEMORATIVO
DAS
LINHAS DE
TORRES**



**MUSEU MUNICIPAL
VILA FRANCA DE XIRA**





MONUMENTO COMEMORATIVO DAS LINHAS DE TORRES

Perto da vila de Alhandra, no arranque da Subserra, pode-se distinguir por entre as árvores uma coluna branca encabeçada por uma estátua. Esta estátua é a figura de Hércules, e o conjunto é o Monumento às Linhas de Torres e seus Defensores.

Uma Cronologia do Monumento:

Ao procurarmos traçar uma “crónica” do monumento, identificamos logo nos primórdios do processo em si a figura de Joaquim da Costa Cascais, então tenente-coronel da Artilharia, que havia sido incumbido de escrever sobre a história da guerra peninsular. Surge-lhe deste modo a ideia de materializar a comemoração dos feitos deste acontecimento, transmitida, por sua vez, ao Marquês de Sá da Bandeira, Ministro da Guerra à época, propondo, logo numa primeira instância, a edificação de um monumento no Bussaco, recordando a batalha que ali ocorrera a 27 de setembro de 1807, no contexto da 3ª invasão francesa ao território nacional.

Sobre este momento particular redige no seu relatório:

Corria o anno de 1862, e eu acháva-me desde 1860 incumbido de escrever a historia da guerra peninsular. Estudos já feitos, me levarão a conhecer, mais a fundo, os sacrificios da nação, e a incontestável gloria das suas armas n’esta lueta de 6 ann. Pesáva-me de não haver uma só lembrança comemorativa, e communiquei ao falecido Snr. Marquez de Sá...¹

Ao propósito de Costa Cascais, sucede-se a vontade do próprio Sá da Bandeira na construção de um monumento perto de Alhandra, com referência às Linhas de Torres Vedras, antes ainda da edificação do Monumento do Bussaco (ofício da Secretaria da Guerra, de 27 de outubro de 1870).

...em 12 de setembro, recebi novo ofício, no qual se me falava de outro Monumento, que deveria ser colocado próximo d’Alhandra, e cuja execução imediata se recomendavam ficando o do Bussaco, para quando se concluísse a Linha Férrea do Norte².

A portaria da mesma data - publicada na ordem do exército n.º 58 de 1870 – encarrega assim Joaquim da Costa Cascais de formar um projeto para um monumento a ser levantado próximo da vila de Alhandra, de forma a comemorar a defesa das Linhas de Torres Vedras, devendo para o efeito ser aproveitado um fuste de coluna existente em Pêro Pinheiro.

¹ AHM, DIV/3/14/4/8, Fol. 1. Estamos em crer que o facto do seu pai ter sido um veterano deste conflito, como veremos um pouco adiante, terá tido aqui algum peso para esta sua vontade.

² AHM, DIV/3/14/4/8, Fol. 1v.

Monumento Comemorativo das Linhas de Torres



O projeto para o Monumento de Alhandra é apresentado através de ofício de 3 agosto de 1874, acompanhado de desenho e respetiva orçamentação (no valor de 10.700\$000). Sucede-se a aprovação através de ofício da mesma Secretaria da Guerra, de 28 de agosto de 1874.

O fuste de coluna proveniente de Pêro Pinheiro começaria por ser daí removido e transportado até à estação de caminhos de ferro de Lisboa³, fazendo-se assim uso deste meio de transporte da Direção de Obras Públicas do Distrito de Lisboa. O conto de réis que Costa Cascais havia orçamentado para a viagem deste elemento pétreo até ao local destinado à sua implantação viria a revelar-se insuficiente, logo à chegada a Alhandra, no mês de Dezembro, uma vez que ainda faltava contabilizar custos com o aluguer dos carros e juntas de bois, como é possível notar no ofício dirigido ao Chefe de Gabinete do Ministério da Guerra, Guilherme Quintino Lopes de Macedo, datado de 19 de Setembro:

Pelo orçamento, que remetti a V. Ex.^a em 3 d'Agosto ultimo, se vê, que a despeza com o concerto dos carros, preparações nas estradas, etc, é calculada em 40\$000 réis, a do transporte do fuste até Liboa em 5000\$000 reis, e a e Lisboa até á estação d'Alhandra em 360\$000, o que prefaz um total de 900\$000 reis, restando apenas 1000\$000, que deverão ser applicados à prompta saída do fuste para fóra da referida estação, afim de evitar direitos de armazenagem, que tanto pezaram na construção do monumento do Bussaco⁴.

Face ao exposto por Costa Cascais, pela Secretaria da Guerra seria então determinado um abono mensal no valor de 500\$000 réis, destinado à continuação das obras do Monumento.

A 23 daquele mês de Dezembro ocorreria uma visita ao local, na qual o autor do projeto para o monumento é acompanhado pelo próprio marquês de Sá da Bandeira e por alguns membros da Comissão de Defesa, "o Snr. Sanches de Castro, e o falecido Severino d'Azevedo,...e outros officiaes"⁵.

A documentação consultada dá igualmente conta da ocorrência de um temporal, em fevereiro de 1876, que causa grande estrago na estrada destinada ao transporte da coluna entre a estação de Alhandra e o local de implantação no mesmo (Forte da Boavista, obra militar n.º 3).

Esta via, concluída em julho de 1883, a par com o monumento e os quartéis, é descrita como tendo 700 metros de comprimento por 12 de largo, bordada por 314 oliveiras, cuja produção é arrematada anualmente, dando entrada no cofre da "receita eventual".

³ Apesar de Joaquim da Costa Cascais não mencionar concretamente de que estação de caminhos de ferro se tratava, considerando a data do ofício em que o mesmo se refere ao itinerário da viagem da coluna a partir do seu local de origem até ao miradouro sobre Alhandra (Setembro de 1874), sabemos tratar-se da Estação de Lisboa – Santa Apolónia, uma vez que a do Rossio só inauguraria 16 anos mais tarde.

⁴ AHM, DIV/3/14/3/28.

⁵ AHM, DIV/3/14/4/8, Fol. 15v.

Monumento Comemorativo das Linhas de Torres



No ano seguinte, verifica-se um “qui pro quo” (a expressão é do próprio Joaquim da Costa Cascais) por ocasião da colocação da coluna:

Em 29 de maio de 77, era o fuste colocado sem novidade, sobre o respectivo pedestal. A subida e o assentamento de um monolitho pesando mais de 24000 kilogramas, sendo a anobra de maior importância e dificuldade em toda a construção do Monumento, despertara por isso maior curiosidade, juntando-se povo, concorrendo a Philharmonica da Villa ... e isso déra motivo a um qui pro quo, que por ser do domínio oficial, não deixarei de citar. Em 11 de junho escreve-me o Gabinete remetendo copias de 2 officios, um do Secretario do Governo Civil de Lisboa, e outro do Administrador de Villa França, Agostinho Nunes de Oliveira e Costa, em que este se queixa de não ter participado, o haver festa nacional! Por ocasião de se colocar o fuste. Tinha abraçado a nuvem por Juno – é claro! Respondi em 20^o

Também a leitura da correspondência trocada entre o Administrador do concelho de Vila Franca, o Ministério da Guerra e Joaquim da Costa Cascais permitem-nos a reconstituição suficientemente rigorosa destes acontecimentos.

O relatório redigido por Joaquim da Costa Cascais permite-nos constatar de igual modo as enormes dificuldades sentidas em todo o processo de expropriações dos terrenos destinados à área do monumento, em clara oposição ao que havia sucedido no Bussaco:

Em quanto no Bussaco, onde tudo corrêra à maravilha, póde-se dizer que não há anexos. Comprávamos o indispensavel, e este éra-nos vendido sem dificuldade...Em Alhandra já não fora assim. Geralmente os proprietários, alem de reputarem em mais o que valia menos, não se prestávão a ceder tão somente o requerido ... Como disse, aqui as expropriações forão às vezes complicadas, e quasi 10 vezes maior a despeza do que no Bussaco.

Eis a relação:

Terrenos próximos o Monumento a diversos, em 22 de outubro de 1878 – 489\$000

D.º p^a a plataforma, em 18 d’agosto de 79 – 60\$000

Dº a Francisco José Pereira, para a estrada, em 14 de julho de 82 – 352\$000

Dº onde assenta o Monumento, e quartéis, em 27 d’agosto de 85 – 279\$000

Somma = 1:180\$000⁷

⁶ AHM, DIV/3/14/4/8, Fol. 16v-17v.

⁷ AHM, DIV/3/14/4/8, Fol. 18-19, 20v.

Monumento Comemorativo das Linhas de Torres



As características calcárias do solo no local levam, por sua vez, Costa Cascais a decidir-se pela sementeira de pinheiro de alepo,⁸ com vista a combater a sua aridez e a fixação dos terrenos, após uma tentativa mal sucedida de cultivo de outras culturas.

Os trabalhos de construção vêm implicar a permanência no local destinado ao monumento de dois empregados junto à obra do monumento – um guarda e um cantoneiro que se auxiliam e substituem quando o serviço assim o exige, verificando-se ainda a existência de um destacamento, entretanto suprimido com o término da obra, até pela presença próxima dos quartéis:

Em Alhandra, onde o Monumento existe num só ponto, próximo dos quartéis dos empregados, e sendo o todo de cantaria e algum ferro, torna-se sobre modo mais fácil a vigilância, devendo-se antes recear a damnificação por caso pensado, do que o intento de roubo⁹.

Costa Cascais solicita, em julho de 1877, autorização ao Ministério da Guerra para que na Fundição de Canhões se proceda à construção de um pára raios e à execução das letras e algarismos em bronze, destinados à legenda do monumento (ofício de dia 22). Nesta altura, o autor do projeto assume que já se encontra erigida a parte arquitetónica propriamente dita do monumento.

Em 1879, Costa Cascais menciona a construção de uma muralha de contenção do terreno (com uma espessura de quatro metros na base e três no topo) apetrechada com encanamento para a saída das águas pluviais, e ainda a colocação de uma barreira na zona da quinta que confrontava com os terrenos do monumento. Alerta para as intenções do proprietário da quinta em plantar bacelo na barreira, o que resultará na deterioração da mesma, da muralha e dos próprios alicerces do monumento e remete para o facto de haver incumbido o condutor dos trabalhos da obra, João de Sousa Ramos, de proceder ao embargo das referidas plantações (ofício de 13 de janeiro).

As plantações de bacelo terão, no entanto, continuado, segundo ofício do comandante do destacamento de Caçadores n.º 6, de Alhandra, de 24 do mesmo mês, tendo conhecimento de que os trabalhadores da plantação haviam sido instruídos pelo proprietário para não pararem de o fazer até ao embargo judicial. O 2º Sargento de Caçadores n.º 6 pede assim autorização para fazer uso das armas em caso de necessidade. Este assunto é encaminhado por Costa Cascais – através de ofício urgente de 26 de janeiro - dirigido ao Ministério da Guerra, dando conta das providências assumidas.

⁸ Trata-se da espécie de pinheiro mais rústica e menos ativa em Portugal. A sua tolerância à secura, à pobreza e à alcalinidade dos solos, leva a que apareça em áreas inacessíveis a outras espécies, como é o caso da encosta junto ao Monumento, onde aparentemente ainda persiste nos nossos dias.

⁹ AHM, DIV/3/14/4/8, Fol. 23.

Monumento Comemorativo das Linhas de Torres



Em março desse ano, a Comissão de Defesa de Lisboa e seu Porto produz uma planta a cores do monumento e terrenos circundantes e dá conta que á época já não restam quaisquer vestígios do Forte da Boavista. O Forte da Boa vista, considerado “obra de fortificação passageira” e, como tal, sem servidão administrativa desde o cessar da guerra, impedindo assim a aplicação do decreto de 17 de maio de 1865.

Vários fatores contribuiriam para a demora na conclusão do monumento:

(...) desde julho, seguirão os trabalhos com menor impulso... havendo ainda em março de 1881, dáva-se finalmente devido a chuvas torrenciais, a quédia de grande aterro, a qual nos trouxera não pequena demora e despesa. Em julho de 83, dáva-se finalmente por concluído o monumento.

Por ocasião do Centenário das Linhas de Torres Vedras, viriam a ser colocadas na base duas placas de homenagem a José Maria das Neves Costa e a Richard Fletcher. Ao primeiro se devem os trabalhos topográficos e cartográficos do território a Norte de Lisboa, onde mais tarde o duque de Wellington viria a perceber tratar-se do local ideal para a implantação das Linhas de Torres Vedras. Fletcher, por sua vez, seria o britânico que Wellington encarregaria de dirigir os trabalhos de construção daquele sistema militar defensivo.

O local onde o Monumento das Linhas de Torres Vedras se localiza viria a ser integrado nas áreas a interencionar ao nível da candidatura apresentada pela Rota Histórica das Linhas de Torres ao EEA Grants (20007-2011). De igual modo o sítio faz parte do itinerário do percurso temático “A Defesa do Tejo” que consta do Roteiro da Rota Histórica das Linhas de Torres.

O Monumento viria a ser interencionado, nesse âmbito, através de uma ação de limpeza e conservação e a valorização do espaço envolvente – criação de um Observatório de Paisagem – ações que permitiram valorizar ainda mais aquele espaço de inegável valor histórico-patrimonial.

Aquando das Evocações do Bicentenário das Linhas de Torres Vedras, o Município de Vila Franca de Xira colocaria junto das placas de 1911, uma terceira dedicada ao esforço do povo português na construção das Linhas.

Lamentavelmente as mesmas viriam a ser furtadas – muito provavelmente devido ao material de que eram feitas – vindo a ser substituídas por idênticas em acrílico.

Fortuna Estética do Monumento:

Estamos perante uma coluna (fuste monólito) de quase 8 metros de altura, sobre pedestal, coroada pela estátua de um Hércules da autoria do escultor Simões de Almeida, um dos primeiros estatuários da época. Simões de Almeida ficaria incumbido da obra – para a qual forneceria a própria pedra - pela quantia de 1:000\$000 réis, a ser paga em três prestações e executada em 18 meses.

Monumento Comemorativo das Linhas de Torres



A escultura – esta por sua vez com cerca de 2 metros e pesando, como sabemos, mais de 24 toneladas - apresenta características das obras clássicas, lembrando a Joaquim da Costa Cascais o Hércules de Farnésio:

A figura clássica com que remata o monumento, poderá vir a sêr também um estímulo, para a esculptura nacional, dando por ventura ocasião a que algum nôvo «Ghycon», honra da arte e do paiz, enriqueça Portugal com uma estátua que ainda não tem, digna de collocar-se na linha d'esta tão celebrada obra prima – o Hércules de Farnésio¹⁰.

Estamos pois perante uma figura cujo tratamento escultórico retrata um herói robusto, de figura musculada, ostentando, à imagem do Hércules da Antiguidade Clássica, com 3 dos seus principais atributos, barba, clava e pele do Leão de Nemeia - o primeiro dos seus 12 Trabalhos – que passou a usar como um troféu.

Ao fuste de coluna – proveniente de Pêro Pinheiro e aproveitado certamente de alguma outra encomenda inacabada – Costa Cascais decide acrescentar capitel e coluna da ordem dórica. O autor concebe no projeto um pedestal onde a coluna deve assentar, levantado sobre dois degraus, de forma a dar maior altura ao todo.

A 12 de junho de 1877, um apontamento do *Diário de Notícias* refere-se à estátua do Hércules (que inadvertidamente numa notícia anterior terá pelidado de Júpiter), referindo a intenção simbólica do monumento - uma nobre ideia segundo o jornal - mencionando ainda o acompanhamento prestado pelo "distinto esculptor Simões de Almeida"¹¹

Costa Cascais narra a sua ideia quanto à figura do Hércules a coroar o monumento, na descrição do seu projeto:

Faltava o mais difficil: rematar superiormente a columna. Depois de outras lembranças, occorreo-me o que tenho por melhór, pela qual me decidi, e que effectivamente apresentom isto ém coroaro todo architectonico com a estatua d'Hércules, figurando assim o monumento uma d'essas destacadas columnas, que a Antiguidade fabulára, como balisas delimitando as peregrinações d'aquelle heroe...¹²

Mantendo ainda a perspetiva simbólica deste monumento, é fundamental a menção à escolha da legenda do monumento: Nec Plus Ultra – 1810 – Linhas de Torres Vedras. A este propósito, Joaquim da Costa Cascais na descrição do seu projeto, diz:

¹⁰ AHM, DIV/3/14/3/27, Fol. 1v.

¹¹ AHM, DIV/3/14/3/21.

¹² AHM, DIV/3/14/3/27, Fol. 1.

Monumento Comemorativo das Linhas de Torres



A legenda do monumento ocorreu-me, para logo: a mesma, simples, curta, mas sobretudo significativa, que a Antiguidade nos deixára, acrescentando-lhe apenas "Linhas de Torres Vedras – 1810". Soyez simple avec art recomenda Boileaux, e se o amôr da própria obra me não ilude, confesso que no projecto se me apresenta ver realizado aquelle preceito¹³.

Nec Plus Ultra, entendido como "Não Mais Além", determina e assinala o local do monumento, no arranque da 1ª das Linhas de Defesa de Torres Vedras – em representação de toda a barreira que as Linhas de Torres vieram a constituir – e que se veio a revelar intransponível para as tropas francesas comandadas pelo general Massena aquando da 3ª Invasão Francesa, entre outubro e novembro de 1810.

A ideia de se coroar "o todo architectonico" com uma escultura da figura mitológica do romano Hércules – que considera "digna, sem dúvida de figurar em um Monumento Nacional, e própria para desenvolver o génio do artista"¹⁴ - tem aqui uma clara relação com uma das colunas que a Antiguidade narrou sobre aquele herói da Antiguidade, procurando - neste caso específico - simbolizar "a força e coragem dos exercitos aliados, detendo nas Linhas de Torres Vedras as numerosas e aguerridas falanges de Napoleão 1º".

Joaquim da Costa Cascais sintetizaria – de forma algo poética – os diversos aspetos simbólicos que presidem a todo o Monumento das Linhas de Torres Vedra e que tornam – no nosso entender – não só uma obra artística indiscutível, mas sobretudo, a merecida homenagem a um dos mais eficientes sistemas militares defensivos da História europeia e de todos os que contribuíram de alguma forma para a sua existência:

A coluna recordará, por ventura, a valerosa resistência dos nossos, a estátua o limite da invasão, e o todo, a voz de – Alto! dada sobre essas fortificações famosas, pelo sagrado amôr da pátria, acceso nos corações de seus heroicos defensores, às correrias de forasteiros assoladores da terra portugueza, ameaçando a sua independência e glorioso nome. Alto! disseram os nossos então, e Alto! continuará brandando o monumento a presentes e vindouros, em repetidas e solemnes échos de patriótica recordação!¹⁵

¹³ AHM, DIV/3/14/3/27, Fol. 1v.

¹⁴ AHM, DIV/3/14/4/8, Fol. 16v.

¹⁵ AHM, DIV/3/14/3/27, Fol. 1.

Monumento Comemorativo das Linhas de Torres



DOCUMENTAÇÃO DE REFERÊNCIA:

AHM, *Monumentos das Linhas de Torres. Correspondência acerca da remoção do fuste de coluna que se destina ao Monumento de Pero Pinheiro para Alhandra.* 1874. DIV/3/14/3/28.

AHM, *Monumento das Linhas de Torres. Projecto do monumento e respectivo orçamento, apresentado pelo Coronel J. Costa Cascaes.* 1874. DIV/3/14/3/27.

AHM, *Monumento das Linhas de Torres. Representação do administrador do concelho de V.^a Fr.^a de Xira, em que se julga desprestigiado por factos ocorridos relativos ao Mon.to e correspondência sobre o assunto.* 1877. DIV/3/14/3/37.

AHM, *Monumentos do Buçaco e de Alhandra. Relatório do general de divisão Joaquim da Costa Cascaes, sobre os monumentos militares do Bussaco e de Alhandra.* 1887. DIV/3/14/4/8.

AHM, *Monumentos militares. Monumento a Hércules em Alhandra.* 1872. DIV/3/14/3/21

AHM, *Monumentos militares. Monumento das Linhas de Torres. Documentação vária.* 1875. DIV/3/14/3/30

AHM, *Monumentos militares. Monumento das Linhas de Torres. Documentação vária.* 1877. DIV/3/14/3/38

AHM, *Monumentos militares. Monumento das Linhas de Torres. Documentação vária.* 1879. DIV/3/14/3/42